

## **SABERES E TERRITORIALIDADES: O CASO DOS JOVENS QUILOMBOLAS DO MATÃO-PB**

Marco Antônio de Oliveira Tessarotto<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo construir pontes e diálogos conceituais que buscam esclarecer relevante aspecto do complexo fenômeno comunicacional implementado em uma comunidade tradicional no interior da Paraíba. Nosso olhar se fixa na comunidade quilombola do Matão, que vivenciava as afetações introduzidas pelas mídias contemporâneas em seu território, a exemplo das mídias massivas via parabólicas. O impulsionamento e aceleração do tempo/espaço na comunidade quilombola fora acoplada em 2014 com o projeto de inclusão digital do Governo Eletrônico de Serviços ao Cidadão (GESAC). O GESAC (TCU, 2015) é uma iniciativa que provê com internet via satélite localidades isoladas geograficamente. Neste sentido, pretendemos trazer o estudo de caso que descreve a ocorrência deste fenômeno demarcado pela ida destes jovens às redes sociais (DJICK, 2013) e, ao mesmo tempo, a presença energética de uma territorialidade ancestral traduzida pelo “totem território quilombo” (TESSAROTTO, 2021). Este elemento simbólico evocado e apropriado por crianças daquela comunidade permite perceber a existência de uma força contra as fragmentações deste “tempo de turbilhão” da midiatização (FAUSTO NETO, 2014; BRAGA, 2015; ROSA, 2016).

**PALAVRAS-CHAVE:** Quilombo; Territorialidade; Totem; Crianças; Midiatização.

### **KNOWLEDGE AND TERRITORIALITIES: THE CASE OF YOUNG QUILOMBOLAS FROM MATÃO-PB**

### **ABSTRACT**

This article aims to build bridges and conceptual dialogues that seek to clarify a relevant aspect of the complex communicational phenomenon implemented in a traditional community in the interior of Paraíba. Our gaze is fixed on the quilombola community of Matão, which experienced the affects introduced by contemporary media in its territory, like the mass media via satellite dishes. The boost and acceleration of time / space in the quilombola community was coupled in 2014 with the digital inclusion project of the Electronic Government of Citizen Services (GESAC). GESAC (TCU, 215) is an initiative that provides satellite internet in geographically isolated locations. In this sense, we intend to bring the case study that describes the occurrence of this phenomenon marked by the departure of these young people to social networks (DJICK, 2013) and, at the same time, the energetic presence of an ancestral territoriality translated by the “quilombo territory totem” (TESSAROTTO, 2021). This symbolic element evoked and appropriated by the children of that community allows us to perceive the existence of a force against the fragmentations of this “whirlwind time” of mediatization (FAUSTO NETO, 2014; BRAGA, 2015; ROSA, 2016).

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2021). E-mail: [marcoantoniotesarotto@gmail.com](mailto:marcoantoniotesarotto@gmail.com)

Keywords: Quilombo; Territoriality; Totem; Kids; Mediatization

## INTRODUÇÃO

O fenômeno comunicacional em curso em comunidade quilombola lança luzes para o complexo quadro das afetações resultantes do processo de mediatização em uma comunidade negra, onde observamos novos e outros processos sociais ressignificando as práticas sociais da comunidade. Neste sentido, percebemos principalmente que os jovens da comunidade mobilizaram estratégias de enunciação e de reconhecimento, migrando do espaço físico para os meios digitais.

No presente artigo fazemos um recorte da tese do autor (2021) que versou sobre a aceleração das interações sociais ocasionadas pela implementação de um programa de inclusão digital na Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão, localizada no agreste paraibano, na cidade de Gurinhém. Em 2014, o programa do Governo Eletrônico de Serviços ao Cidadão (GESAC) se acoplou no tecido social da comunidade, onde observamos os jovens quilombolas endereçando sentidos de mundo a partir da rede social do *Facebook*. A extração dos dados empíricos foi obtida sob vieses netnográficos (KOZINETTS, 2014) entre 2016 e 2019 e a coleção de extração de telas extraída do fluxo da linha do tempo da rede social do *Facebook* permitiu uma observação dos processos de atualizações deste imagético do jovem quilombola do Matão, no município de Gurinhém, no agreste paraibano. A tese foi então desenhada a partir do desenvolvimento de 6 (seis) dinâmicas temporais<sup>2</sup> e performáticas, de onde recuperamos o trânsito destas materialidades que passaram a deslizar em movimentos perambulantes entre as dinâmicas e temporalidades, indo e vindo, ora se “desfazendo” nas interações do meio, ora se reconstruindo pela força energética do “totem território

---

<sup>2</sup> Os episódios ou quadros interacionais e performáticos dos jovens quilombolas foram pensados e constituídos a partir das “trocas, articulações ou tensionamentos entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais; frequentemente desencontrada, conflituosa” (BRAGA, 2017, p. 21). O caminho heurístico proposto das dinâmicas/zonas de passagem estão vinculados a uma teoria tentativa, onde o comunicacional do objeto é extraído de diversos ângulos modalizadores.

quilombo<sup>3</sup>”, espaço este das resistências às desconexões graças ao local de resistência e da ancestralidade.

Neste artigo pretendemos apresentar parte dessa teia complexa de elementos e disposições sociais, que vão das relações familiares e comunitárias aos aspectos de ordem cultural, a exemplo de vaquejadas, festividades juninas, casamentos e confraternizações comunitárias que passam a ser atravessados pelas interrelações entre os contextos socioculturais e as identidades dos jovens conectados em ambiências digitais e, este “novo modo de ser no mundo” (GOMES, 2006, p.1) marcado pela aceleração dos processos de midiatização que passam a irritar os subsistemas destas práticas sociais advindas da coletividade quilombola, reflexo este, expresso na disputa pela territorialidade.

Na busca por meios de interseção do objeto percebemos na formulação da pergunta: “Como os jovens quilombolas ofertam sentidos na ambiência da rede social do Facebook, dinamizando a circulação a partir do tensionamento com circuitos e atores externos à comunidade tradicional?” um possível endereçamento para “compreender como as ofertas postas em circulação no meio *Facebook* transmuta e dinamiza os sentidos ofertados pelo jovem quilombola do Matão; para entender nas coleções do empírico, os percursos, marcas e dinâmicas enunciativas nas representações imagéticas desses jovens; extrair do banco de dados, das seis coleções do empírico, as imagens, publicações e postagens que remontam ao processo tentativo de produção, fixação e apagamento de representações”.

Este processo de perseguir marcas, rastros da circulação procura estabelecer um diálogo entre território físico e digital, este primeiro<sup>4</sup> atualiza suas configurações de

---

<sup>3</sup> Tessarotto (2021) afirma que o “totem território quilombo” é o lugar de preservação das tradições e das práticas sociais cotidianas destes povos tradicionais quilombolas que resistem à “sombra da máquina colonial”. Esse totem territorial do espaço geográfico das pertencas e das trocas simbólicas entre os quilombolas se “fixa” ou atua na condição de fantasma nas representações enunciadas pelos jovens da comunidade quilombola na rede social do *Facebook*. As idas e vindas (do espaço físico e do digital), entre estas ambiências expõem a ocorrência desse fenômeno, porque o território físico configura a “(...) crença que liga o homem ao seu estado mais primitivo” (ROSA, 2012, p. 97). O totem território pertence às crenças e formas primitivas de representação, nos quais os jovens pesquisados fizeram remissão, acionaram e tensionaram o fluxo do meio *Facebook* enquanto estratégia que emerge das vivências e das práticas de seus ancestrais, aquilombando seus membros, dirimindo as afetações deste digital das redes.

<sup>4</sup> A professora e pesquisadora Maria do Socorro Xavier Batista busca uma leitura do território a partir de Martin (1997) que expressa ser uma “objetivação multidimensional da apropriação social do espaço, a territorialidade não pode ser somente a qualidade subjetiva do grupo social ou do seu espaço de vida”

ambiente estabelecendo um importante sinalizador deste retorno, onde o “ser quilombola” ao se “diluir” nas tramas do *Facebook* encontra no território físico, espaço para a ação do “se revestir” de sentidos do quilombo e do grupo enquanto lugar da pertença/espaço de acolhimento. No caso da comunidade quilombola analisada, coexistem duas camadas interacionais: uma da ordem dos processos de “desconexão” e uma outra que se revela “conectada” e ampliada na ambiência. Esta aparente ambiguidade ocorre por conta das limitações de ordem técnica e geográfica que implicam em modos experimentais de usos e apropriações da tecnologia, para elaborarem-se como jovens inseridos em um mundo que ultrapassa as bordas territoriais do quilombo.

A problemática apresentada revela como os meios da vida orgânica devem ser observados porque diferem das formas da vida não orgânica e nisso, passamos a compreender as lógicas dos algoritmos digitais<sup>5</sup>. Dessa forma, o cenário técnico em que o jovem quilombola faz uma imersão traz consigo uma problemática complexa da representação sócio-histórica e consequentes desdobramentos no psíquico individual deste sujeito com suas subjetividades, desejos, sonhos.

O tema evocado em nosso artigo aproxima os estudos em mediatização, articula as lógicas dos algoritmos com perspectivas de usos e apropriações sociais no *Facebook* representada pela disputa por referencialidades com o “totem território quilombo” levado adiante por crianças e jovens da comunidade.

## **ATORES E TERRITÓRIOS EM TENSÃO: CONTEXTO DE DISPUTAS E NEGOCIAÇÕES**

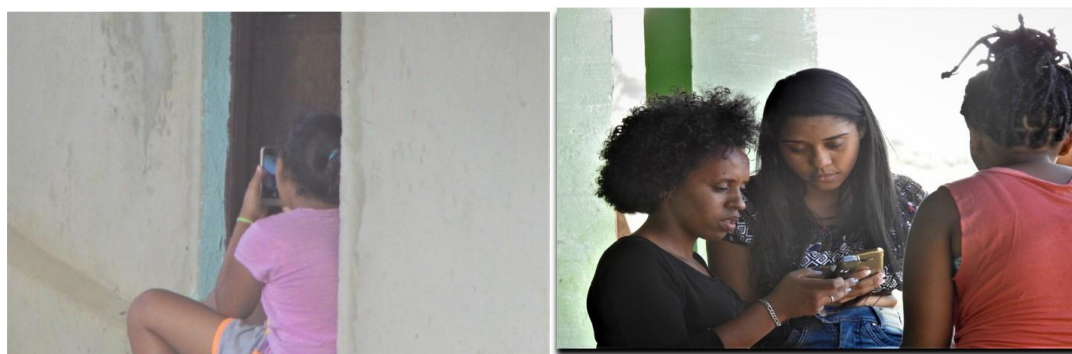
---

(BATISTA, 2006, p.5). Para Batista (2006) essa territorialidade pertence a um conjunto de todas as práticas espaciais materiais. Desta complexidade, Batista (2006, p. 6) recorre a Sack (1986, n/d) para descrever “a territorialidade [como] fruto das relações econômicas, políticas e culturais, por isso, se apresenta de diferentes formas, imprimindo heterogeneidade espacial, paisagística e cultural”. É, neste cenário de múltiplas vertentes que a comunidade quilombola, enquanto espaço de ancestralidade, vincula suas práticas sociais.

<sup>5</sup> O Doutor e pesquisador Jairo Ferreira (2021) abordou a temática dos algoritmos no IV Seminário Internacional de Mediatização. Na mesa 5, FERREIRA (2021) tece comentário a partir da pergunta geradora: “Algoritmo é uma forma de conhecimento?”. Conferência e fala disponível em: <https://bit.ly/3zLOUpC>. Acesso em 27 jul. 2021.

Neste tópico passamos a descrever os modos pelos quais o “ser negro/quilombola” no agreste paraibano é forjado nas tramas do meio *Facebook*, dispositivo interacional escolhido pelos jovens quilombolas desta comunidade para interagirem, demonstrarem quem são e de como produzem endereçamentos a partir dos seus locais de fala.

Figura 1 – Os atravessamentos dos dispositivos interacionais na comunidade negra



O acoplamento do programa de inclusão digital do GESAC com seus novos/outros endereçamentos no espaço mundo (comunidade quilombola). Fonte: Registradas pelo autor, 2019. Termos de consentimento da pesquisa autorizados.

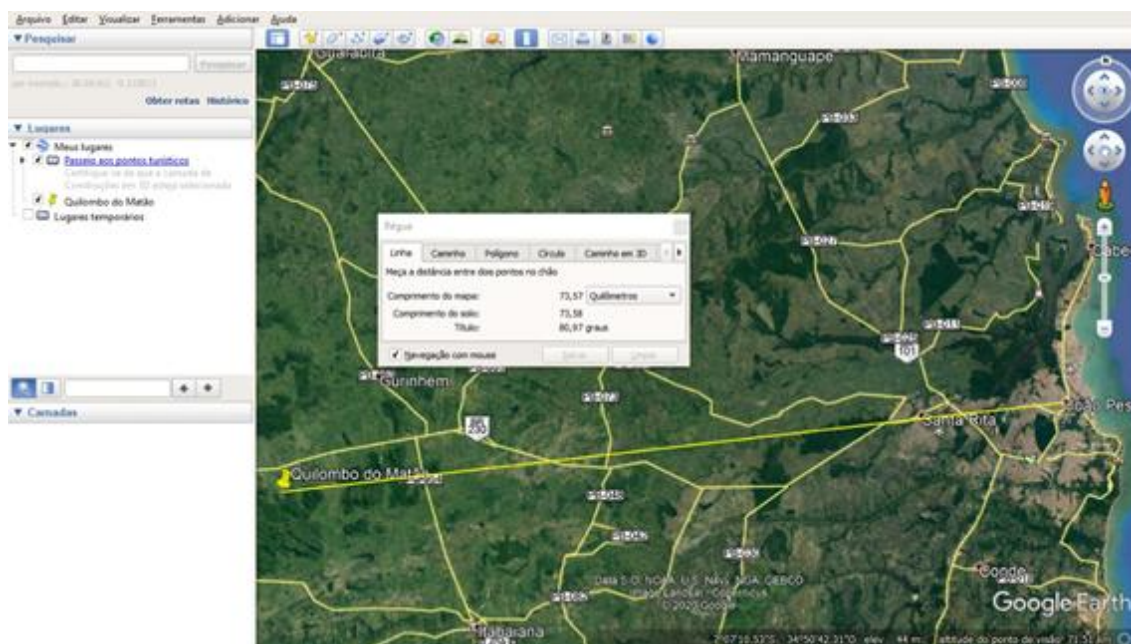
As imagens acima apresentam estes jovens quilombolas e os modos pelos quais eles se descobrem no processo interacional e, destas negociações resultantes das interações, desdobramentos dos vínculos do local e do global vão articulando novas narrativas e movimentos, descritos em “idas e vindas” entre o território físico da comunidade e o digital.

Como sabemos, a ambiência digital e suas plataformas são constituídas por um código algoritmo que traduz uma questão dos meios contemporâneos, meios estes, de conteúdos, de programação e indexação informacional, cujos mecanismos são refinados por uma inteligência artificial compreensiva que os direcionam para uma tecnologia da alma (FERREIRA, 2019) que estabelece fortes vínculos de afetividade e intersubjetividade.

## AS ORIGENS DA COMUNIDADE: DO TERRITÓRIO FÍSICO ÀS REDES

O local do estudo de caso que escolhemos é a Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão, que se originou em meados do final do século 19, quando em 1875, estabeleceram-se seus primeiros habitantes em uma área de mata virgem e fechada entre os municípios de Gurinhém e Mogeiro, cidades situadas no agreste paraibano a 80Km da capital João Pessoa.

Figura 2 – Mapa de georreferencia e de distância entre a capital do Estado da Paraíba e a Comunidade Quilombola do Matão



Fonte: Paraíba PB. Google Maps. Google, 2020.

Conforme a tradição oral, os moradores do Matão têm sua origem a partir de três pessoas, Manoel Rufino, Antônio e Edwiges<sup>6</sup>. A história do município de Mogeiro (PB) reconta a formação do quilombo e de seus moradores: “em uma terra, situada nas fraldas da Serra do Matão, no município de Mogeiro, onde habitam aproximadamente 100 famílias, de negros, precedentes da Fazenda dos João Ludovico de Melo Azedo, denominados Fazenda do Mata Negro” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 7).

O trecho acima citado faz parte da pesquisa etnográfica para a escritura do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), elaborado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) pelas pesquisadoras Vanessa

<sup>6</sup> Fato este narrado em entrevistas com os moradores durante a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) que, posteriormente é analisado para elaboração do título de imissão da terra. Disponível em: <https://bit.ly/3cdCPPr>. Acesso em: 10 abr. 21.

Souza e Mércia Rangel Batista (2018) reconstruíram a historicidade do Quilombo do Matão, lutas e conquistas descritas ao longo do tempo. A comunidade atualmente é composta por cerca de 43 famílias constituídas em média de 150 pessoas que descendem de um único tronco familiar, “Os Rufinos”, sobrenome do seu fundador, Manoel Rufino.

A estrutura social e de posse da terra no Matão é coletiva desde sua fundação, como revelam as narrativas que destacam seu fundador Manoel Rufino, “sempre trabalhando, criando gado, plantando algodão, negociando, tornando-se personagem central” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 378).

A história do Quilombo do Matão e sua luta por sobrevivência não é muito diferente das realidades vivenciadas pelos habitantes da Região Nordeste. A migração para os grandes centros urbanos representa uma “melhoria nas condições de vida” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 386) e o trabalho na construção civil é uma solução encontrada por alguns jovens e adultos hábeis da comunidade. Essa forma de trabalho e permanência dos homens nos centros urbanos permitem afirmar que a organização do quilombo do Matão é matriarcal, cabendo às mulheres tomar decisões na ausência dos homens no cotidiano da comunidade.

Percebemos que o trabalho é um fenômeno daqueles que trouxe uma profunda mudança nas interações sociais da comunidade, uma vez que, retornados da ambiência urbana com suas dinâmicas, os choques culturais se tornavam cada vez mais latentes.

Figura 3 – Imagem de satélite da Comunidade Quilombola do Matão

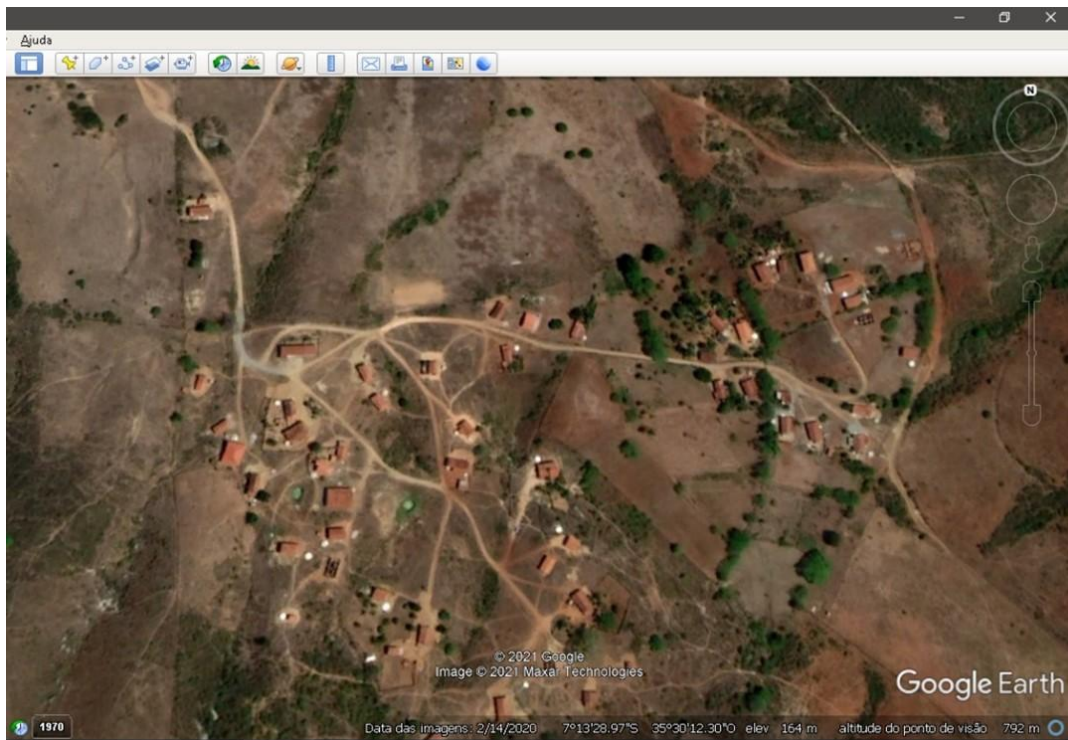


Imagem de satélite datada de 14/02/2020 com a organização espacial da Comunidade Quilombola do Matão, Gurinhém (PB). Fonte: *Google Earth*. Google, 2020.

O conceito de território é aqui mobilizado para revelar um elemento de identidade destes grupos sociais. Neste espaço, as lutas e conquistas atuam afirmando identidades que se retroalimentam por profundas raízes mantidas pelos laços de solidariedade orgânica próprias destas comunidades tradicionais. Sobre esta forma de resistência, Maria e Pierre Teisserenc (2018) explicam que:

(...) os Quilombolas partilham o fato de serem descendentes de um escravo ancestral que traiu o seu mestre e conseguiu fugir da “Casa Grande”. Esse ato de traição resultou de uma estratégia individual realizada com o objetivo exclusivo de romper com o sistema escravocrata e acessar uma vida mais livre, escondendo-se para não ser denunciado e executado. A organização desses antigos escravos em comunidades de fugitivos repousou na transformação de estratégias individuais de fuga numa estratégia coletiva que, em função das circunstâncias e do contexto, permitiu aos antigos escravos se protegerem coletiva e individualmente contra os riscos de denúncia ao se constituírem em comunidades e resistirem contra as pressões oriundas do exterior, de maneira a garantir a sua autossubsistência e, ao mesmo tempo, a desenvolver uma vida social específica, partilhando um destino comum. (TEISSERENC, 2018, p. 9)



Este “partilhar de destino comum” retrata uma das vertentes e lutas por reconhecimento destes sujeitos, revelando uma “complexificação dos lugares”, onde as redes digitais criaram outras ubiquações no território físico da comunidade, onde os moradores do Matão partilham subjetividades. Se ontem a cidade representava a ruptura com o território e o modo de vida tradicional, hoje, os quilombolas estão praticando suas ‘expectativas de cidade’ em condições de presença no quilombo.

Em nosso caso, descrever este jovem quilombola que constrói identidades/personas e referencialidades nas redes é desafiar as antigas relações e lugares postos social e tradicionalmente por uma coletividade. A própria narrativa e historicidade da comunidade permite percebermos que algumas latências e demandas coletivas permanecem em modo “*off-line*” sendo transmitidas oralmente e solucionadas entre seus membros. Para Maria de Nazareth Wanderley (2007), quando pensamos em juventudes rurais, incluindo a quilombola, percebemos essa:

(...) dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade. Por outro lado, nestes espaços, a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dinâmica temporal: o passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro, que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva. As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens e à reprodução do estabelecimento familiar. Estas dinâmicas se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural. (WANDERLEY, 2007, p. 23-24).

Ao descrevermos esta complexidade de interrelações históricas e espaciais, vimos que as comunidades negras têm se organizado em diversas formas para serem reconhecidas na condição de povos tradicionais que almejam visibilidade. Neste sentido, organizados em coordenações e associações, os quilombolas e seus jovens objetivam valorizar o sentido da coletividade, “da garantia de reprodução social, de uma busca por justiça a partir das suas formas de existência e de redes de solidariedade”

(BARGAS; CAL, 2018, p. 493-494). Na Paraíba, as associações quilombolas estão articuladas às ações da Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes (AACADE), órgão deliberativo vinculado à Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). O papel da AACADE é o de localizar e identificar comunidades negras no Estado da Paraíba, formalizar e apresentar à Fundação Palmares a autoidentificação da população quanto à condição de território remanescente de quilombo, prestando assistência e sinalizando perante os órgãos competentes, pleitos nas esferas federal, estadual e municipal, com vistas ao direcionamento das políticas públicas de assistência social conforme previsto no ordenamento jurídico.

Um segundo “braço” da AACADE é sua atuação no acompanhamento dos trâmites administrativos, informando à comunidade acerca dos apoios institucionais em andamento, bem como assistir as iniciativas de Organismos Não Governamentais (ONGs) e de parceiros solidários às urgências das comunidades quilombolas. Essa entidade foi responsável, inicialmente, por prestar suporte ao grupo de dança afro “OloduMatão” existente na comunidade do Matão.

A coleção dos materiais extraídos nos permite descrever que, apesar do território disruptivo e complexo das redes, a plataforma *Facebook* pode ser descrita e configurada como uma ampliação do espaço físico da comunidade quilombola. Desta transposição entre juventudes rurais em busca por “rupturas” do ambiente, observamos as frases/enunciações das jovens quilombolas, expressas nas legendas das publicações, revelam processos e lutas por reconhecimento. Esses espaços de poder feminino constituem-se em “câmaras de eco” nas redes sociais.

Figura 4 – Captura de tela do Facebook no Dia da Consciência Negra (2019)



Depoimento da jovem quilombola após apresentação no Dia da Consciência Negra em João Pessoa (PB). Captura de tela extraída em 21 de novembro de 2019. Fonte: Arquivo do autor, 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Estar nas redes, é buscar se contrapor ao passado para alcançar um dado futuro ainda que desconhecido, pois “(...) o reconhecimento é a interação do ‘eu’ com o ‘outro’ em constante processo de negociação interacional”, como afirmou Braga (2007). Assim, em diversas postagens extraídas dos jovens quilombolas determinados assuntos/temas permanecem em “silêncio” ou fora desta grande rede digital, a solidariedade orgânica permite a construção de acordos, pactos.

Neste escopo, observamos o uso do meio *Facebook* como local de reencontro de sentidos identitários e de pertencimento. Esse encontro com as raízes se traduz pela expressão do “aquilombar-se<sup>7</sup>”. Os sentidos do “aquilombar-se” encontram em Honneth (2003) uma visada para o reencontro do “eu” dentro do “nós”, perspectiva geracional onde as “identidades coletivas voltadas à autorrealização e ao reconhecimento” (BARGAS; CAL, 2018, p. 484). Ao analisar a coleção do empírico observamos uma

<sup>7</sup> O conceito e movimento do “aquilombamento” expressa o reencontro do negro com suas raízes ancestrais. A fragmentação e a diáspora fomentada pelas lógicas da modernidade apartaram o negro de suas raízes simbólicas. Os sentidos do “aquilombar-se” se dá pelo reencontro com o passado, refletindo sobre suas ações políticas no presente, organizando e definindo futuros alternativos.

correlação entre a identidade e o “eu/objeto/território” que são expressos pelos silêncios/lacunas dos enunciados como uma convenção coletiva de autodefesa.

A igualdade entre os sujeitos é uma ação conquistada gradativamente pelas lutas por reconhecimento de grupos e por parcelas sociais historicamente silenciadas. A “ida” destes jovens à rede ocorreu em contexto social bastante propício, pois naquele ano (2014), muitos jovens tinham iniciado o curso superior em diversas áreas, a exemplo da Pedagogia e Técnico de Enfermagem. O acesso à internet possibilitou uma “autorrelação positiva” entre pares sociais e o encurtamento da distância entre o urbano e o rural quilombola.

Ao trazermos tais colocações, buscamos entender como os jovens constroem e alimentam laços de solidariedade orgânica para além do espaço físico da comunidade quilombola, buscando entender esses laços em uma das formas enunciadas nas redes por esses jovens e que ocorre durante as festividades, onde diversos aspectos da cultura e de suas identidades são partilhadas na esfera “local”, estando claro que a plataforma *Facebook* intenta captar esta energia orgânica que, entretanto, não encontra ambiente propício para enunciação no fluxo digital da rede social.

## **ANALISANDO O FENÔMENO NA AMBIÊNCIA DIGITAL: LATÊNCIAS DO EMPÍRICO**

Ao tensionar as relações envolvendo as territorialidades e sua relação com os sistemas sociais observamos que não são os territórios (físicos e/ou digitais) ou os costumes/tradições que se separam, diferenciando a sociedade entre suas teias, mas é a sociedade enquanto formulação de comunicações/mediações/tecnologias, que passam a produzir, reproduzir e impulsionar as divisões dentro dela.

Como sabemos, a tecnologia se converteu em esferas culturais e sociais, produzindo um simulacro de razão política pensada no bem comum como espaço de inclusão e igualdade que se transmutou em potência, cujos efeitos não podem ser mensurados de modo preciso. Desse cenário, o mundo intelectual vê a atualidade como um campo de incertezas, pois a técnica passa a reger um preceito descrito pelas ações da tecnicidade, do “saber/ser”. Nesse espaço, a tecnicidade criou um campo nebuloso, encoberto e o desvelar desta cortina de fumaça depende da forma como são pensadas as

relações entre a ciência e a técnica, pois demandam processos de análise para “além da episteme humana”. Assim, a atual conjuntura dos processos midiáticos exige um outro tipo de construção da verdade, decodificando os números binários e aquilo que é visível e sensível fazendo com que a *bios* se realize através das simulações sinópticas de computador.

Ao tratarmos das lógicas dos dispositivos descrevemos ações dos sujeitos inscritos nas lógicas interacionais do meio *Facebook*, cujas tecnologias transferiram as referencialidades do passado entre zonas de passagem da tradição aos dispositivos interacionais (FERREIRA, 2013, 2016) que foram impulsionados por uma política pública de inclusão digital, que mobiliza este meio para “autenticar” estes sujeitos (TCU, 2015; FELTON, 2017, 2018; VAN DIJCK, 2013) em uma identidade homogênea e normatizada pela plataforma.

Os jovens quilombolas estão imersos neste amalgama, destaca-se contudo, a força da memória coletiva e partilhada na ambiência digital e que é acionada como “salvaguarda” dos sentimentos de pertencimento e de fronteiras sociais neste espaço disruptivo das redes. As experiências entre estes dois territórios foram dinamizadas pelos tempos distintos vinculados em uma única superfície, na linha do tempo do *Facebook*. Sobre o tempo, o conceito de “extratos do tempo<sup>8</sup>” nos ajuda a compreender três ocorrências simultâneas que se verificam no interior da rede social, uma referente às singularidades, outra às repetibilidades e, por fim, as que transcendem às atuais gerações.

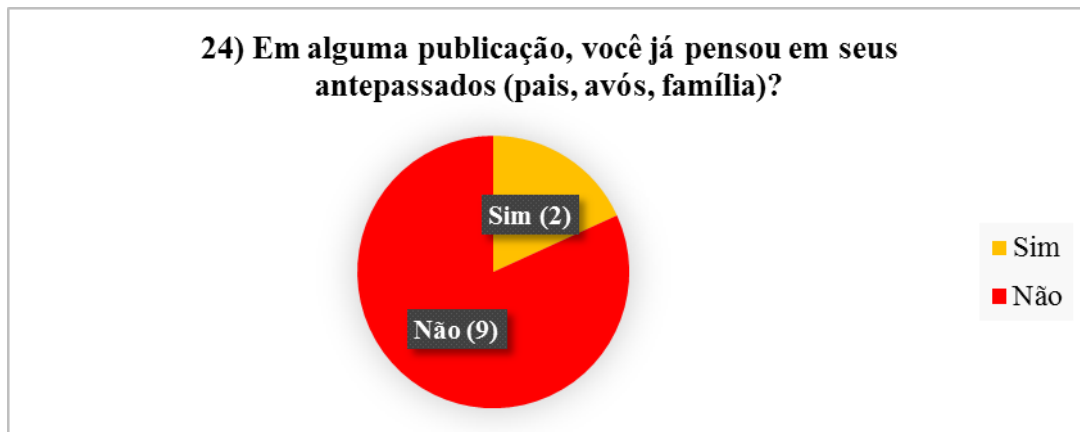
Uma das características desse processo é a negação do passado e a ocorrência deste tempo do “presentíssimo”. Com isso, a transformação desse tempo não é possível sem que as experiências possam recorrer às processualidades que aproximem o horizonte do futuro para o presente. Nesse sentido, o problema-chave é a simetria gerada pelas experiências na ambiência digital, pois, quanto menor a quantidade de experiências do passado, menor é a distância com o futuro. As consequências desse efeito vão nos revelar a condição de abismos entre o passado e o futuro que, sem a sedimentação das experiências prévias do passado, que serviriam de pontes de sentido e

---

<sup>8</sup> Roger Chartier aborda o conceito de “extratos do tempo” para discutir o processo de descontinuidade provocado pelas tecnologias, entretanto, observamos uma síntese de elementos que atuam como um “codex” que une os fragmentos, reagrupando a coerência das informações.

de significação, os sujeitos passariam a exprimir inseguranças existenciais e vazios “holísticos”, dado este, recuperado na entrevista de campo<sup>9</sup> realizada com os jovens da comunidade quilombola do Matão.

Gráfico 1 – A problemática dos espaços/tempos híbridos



Fonte: Autor, 2020.

O gráfico acima representado faz parte da entrevista de campo realizada com 11 jovens quilombolas que aceitaram as condições dos Termos de Assentimento da Pesquisa e da extração das capturas de tela na linha do tempo do *Facebook*. A resposta ao questionário serviu para apresentar uma problemática da memória coletiva, que agora transborda pelos excessos de informação. A saturação do tempo “presentíssimo” aciona recursos do esquecimento do passado e, desta narrativa do esquecimento vive-se uma estética da memória do “presentíssimo”. A montagem dessa “persona” na ambiência digital pretende ocultar os lapsos de esquecimento ocasionados pelo excesso das informações produzidas e postas em circulação.

<sup>9</sup> As entrevistas de campo foram realizadas em 17/11/2019, ocasião em que procedemos à apresentação e leitura de cada pergunta, bem como, dos critérios a serem descritos, seguindo gradações de prioridades. A elaboração da pesquisa de campo, nos moldes da observação participante, foi baseada em questionário com perguntas estruturadas e semiestruturadas. A opção pelo modelo da observação participante, do tipo pesquisa-ação foi acionada no sentido de obter informações precisas e confiáveis do empírico extraído nos fluxos. O enquadramento da análise dos dados com a fusão das perspectivas qualitativas (questionários, entrevistas, observação, conversas informais) foi confrontado com a ocorrência da pesquisa quantitativa (número de imagens, postagens com respectivo tipo de enquadramento técnico, uso de filtros, mensagens de teor afirmativo – identitário), fase esta, de extrema importância para a validade da presente pesquisa.

Figura 51 – Capturas de telas com os efeitos do tempo “presentíssimo”



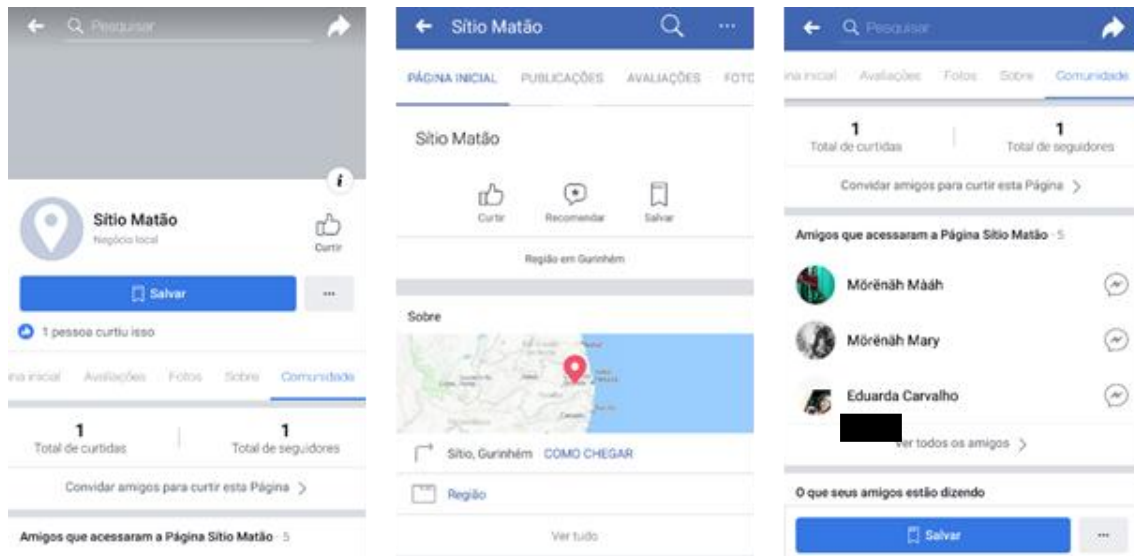
As extrações, da esquerda para direita são datadas de 10/11/2017, 12/11/2017 e 26/11/2017. As respectivas capturas de telas retratam este efeito híbrido do tempo “presentíssimo”<sup>10</sup>. Fonte: Autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Com isso, os ruídos comunicacionais no interior da circulação ocorrem interligados a uma experiência de temporalidades assíncronas no meio *Facebook*. Podemos dizer que este projeto tentativo da plataforma assume uma autopoiese digital e passa a espelhar na linha do tempo, materialidades e narrativas que suprem necessidades subjetivas/emocionais/psicológicas de seus usuários. Assim, no momento em que a jovem lança a enquete: “Ei tu gosta de mim?” isso nos revela uma necessidade do “eu” ser reafirmado pelo “Outro”. Essa crise do “eu” aciona na plataforma o “sistema algorítmico de resposta” do meio que vai apresentar enunciado compatível e aproximado às demandas emocionais daquela jovem negra. Na segunda publicação, a jovem enuncia um compartilhamento expressando o desejo de “retorno” à infância, momento georreferenciado na ambiência digital na comunidade quilombola, conhecida na plataforma do *Facebook* como “Sítio Matão”. A fixação deste território físico na

<sup>10</sup> No episódio, iniciado com uma pergunta-enquete, passando pela memória-lembrança da infância, até o espelhamento do dispositivo na rede social, a jovem quilombola retrata esse efeito e consequência canhestra. As ansiedades do presente encontram respostas em um passado (localizado na comunidade) e que se espelha no presentíssimo pelo dispositivo interacional.

ambiência digital fora observada em meados de 2017, mas a última imagem postada se enquadra no tempo do “presentíssimo”, pois a jovem se “deixa” emoldurar pelo dispositivo em suas lógicas, narrativas e tempos.

Figura 6 – Capturas de telas com o espelhamento do Território Físico na ambiência do Território Digital



As extrações foram extraídas nos dias 12/11/2017 e 19/12/2018. As capturas de tela revelam o processo tentativo de fixação do Território Físico nas lógicas da ambiência neste Território Digital na plataforma do *Facebook*. Fonte: Autor, 2017 e 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

No exemplo extraído, percebemos o movimento tentativo dos jovens quilombolas de fazerem referência a um território criado e elaborado nas lógicas do meio *Facebook*. Na página pública da geolocalização feita pelo *Facebook*, a Comunidade Quilombola é caracterizada pelo “Sítio Matão”. O conceito de sítio é comumente utilizado para designar pequenas áreas produtivas ou de lazer. No entanto, pelo termo e conceituação, a comunidade quilombola se estabelece em níveis outros de pertencimento, de identidades e de partilhas, não cabendo o conceito de “sítio” para designar este território físico de partilha de subjetividades de uma comunidade tradicional quilombola.

A transformação da Comunidade Quilombola do Matão, no território físico, convertido ao digital em “Sítio Matão” pelo algoritmo, revela uma intensa mutação com o objetivo de fazer dialogar com as gramáticas interpretativas desses usuários e de seus respectivos amigos, relativamente ao entorno do território físico da comunidade negra.



Para Haesbaert (2011), a multiterritorialidade pensada na função “político-funcional flexível” é conceituada como a ação ou processo em que os indivíduos, ao ascenderem às redes, passaram a se conectar por e em diferentes territórios, sejam eles individuais ou coletivos.

Ao analisarmos o fenômeno do acionamento destes “multiterritórios”, observamos este vazamento nas superfícies do território físico e digital, elementos marcadores deste “totem território quilombo” que transitam nestas duas superfícies de lógicas não convergentes. Estes deslocamentos, ora “físicos ou virtuais”, promovidos pelo programa de inclusão digital fizeram com que os usos e as interações transcorressem nas plataformas digitais, tornando as relações sociais mais complexas em variadas formas de vinculação territorial que se cruzam/interseccionam em diferentes espaços. Os múltiplos territórios demarcam movimentos de desterritorialização e se sucedem por uma nova e outra “reterritorialização”.

O espaço do território quilombo atua reconstruindo os corpos dilacerados pelo digital porque a imagem do jovem quilombola que surge nas redes sociais é uma reelaboração tentativa contra seu próprio apagamento, neste ponto, essas imagens “que vão e voltam, cruzando tempos distintos, é que nos parece ser possível encontrar as (r) existências (...) são imagens que teimam em emergir, são rastros e restos coletivos” (RESENDE, 2019, p. 486).

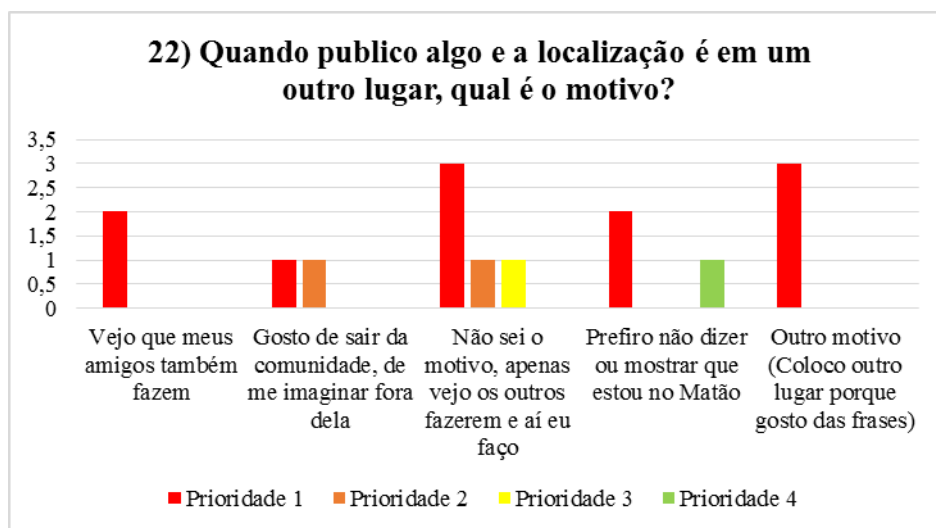
Nesse aspecto, observamos essa ação do algoritmo que atua na condição de necropolítica e de negação da história da comunidade quilombola, afastando os “pesos” do passado e convertendo o espaço em algo pertencente ao eterno presente.

## **O “TOTEM TERRITÓRIO” SEUS MODOS E OPERAÇÕES DE APROPRIAÇÃO POR JOVENS QUILOMBOLAS**

Aqui apresentamos alguns endereçamentos que possibilitam discutirmos saídas, no sentido de encaminhar as questões para problemáticas ocultas nas materialidades selecionadas nas coleções do empírico. É que a midiatização configura-se como um fenômeno que complexifica os processos sociais e um problema que ocorre em função das tensões resultantes dos *feedbacks* interacionais (FAUSTO NETO, 2009). Esse

movimento interpretativo de leitura midiática assume uma descrição em movimentos de “aparecimento/desaparecimento” dos rastros imagéticos e simbólicos do jovem quilombola na rede social do *Facebook*.

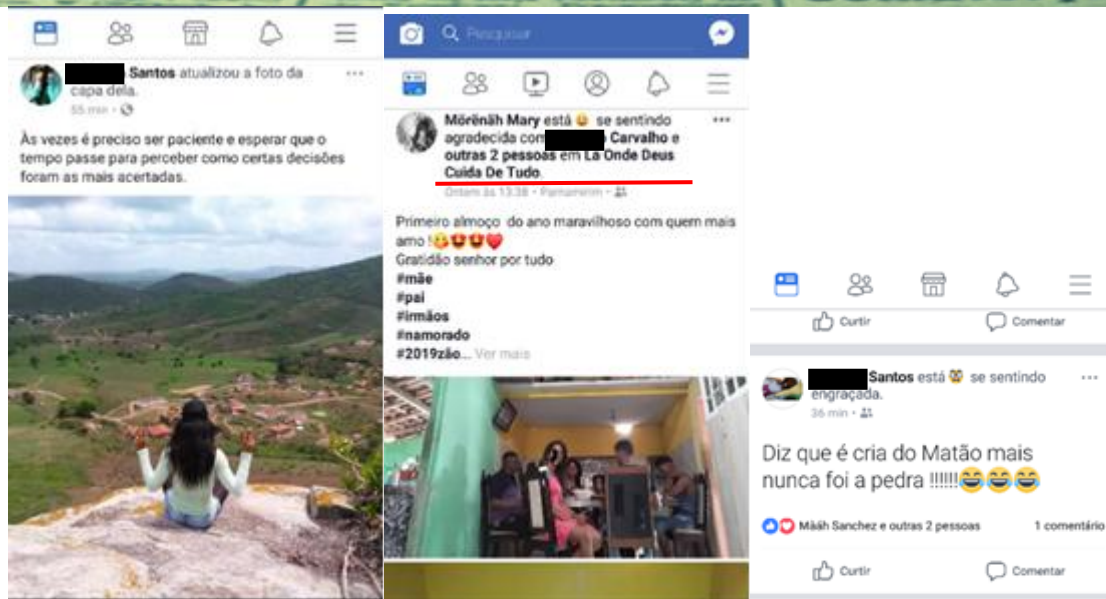
Gráfico 2 – O problema dos deslocamentos e dos vínculos



Fonte: Autor, 2020.

Com o auxílio dos dados acima, descrevemos o forte impacto desta aceleração dos tempos do presente nos produtos ofertados pelos jovens quilombolas no *Facebook*. O gráfico revela uma das ações mais referenciadas por esses jovens negros, que é o acionamento do recurso de “desterritorialização” das ofertas, prática de lógica híbrida. O recurso de “localização” de qualquer postagem pode ser anunciado em um local diverso, ou seja, o jovem quilombola se encontra na comunidade quando publica determinado conteúdo, entretanto, opta por demarcar outro ou nenhum território, territórios estes, apenas presente no “Território Digital (TD)” da rede social. O território criado no ambiente digital, no caso, serve para suprir necessidades subjetivas e emocionais, também perambulando conforme estados emocionais do produtor.

Figura 7 – Capturas de telas da jovem acionando o totem território



As extrações de tela, da esquerda para direita foram capturadas em 07/03/2017, 19/02/2018 e 07/03/2018. Fonte: Autor, 2017 e 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Nas extrações, verificamos o acionamento de três episódios nos quais o “totem território” perambula nas redes. No primeiro episódio, vimos a jovem enquadrar o espaço físico da comunidade representado pela pedra (ponto mais alto da comunidade); no segundo momento, a jovem retrata um almoço em família, entretanto faz referência a uma outra localização, intitulada por “La Onde Deus Cuida De Tudo”. Neste episódio, da geolocalização baseada no sentimento afetivo do momento, percebemos que o território físico atua na condição de sombra/fantasma, que é a família. Na última extração, ao ser apresentada a mais um desafio de narrativa exógena, a jovem adapta esse textual, acionando o território físico com o título: “Diz que é cria do Matão ‘mais’ nunca foi a pedra!!!!”

O sujeito é um acidente da ação, o “ser quilombola” é pensado em uma perspectiva que une o ego resultante dos grupos, instituições e das plataformas acoplados pelo GESAC que atuam enviando convites ao alter para “aceitar ou recusar a proposta” dos interagentes, contudo, no ringue de referencialidades do meio *Facebook*, a recusa é a “morte” do alter no território digital. Um dos efeitos resultantes desta autorreferência circular do *Facebook* não permite sedimentar uma sequência histórica de “sins e não” do sistema comunicativo, este processo interacional em rede é permeado por deslizamentos. Desse modo, a natureza disruptiva e de intensas irritações deixa

perceber a importância dos acoplamentos estruturais que atuam na condição de um sistema autoestimulante e determinante que gesta suas próprias operações e complexidades. Cada esfera, seja no território físico ou no digital, se autodetermina pelos elementos que possuem e pelos objetivos adiante, nisso o ambiente apenas condiciona, chancela ou moraliza os excessos deste exógeno.

## **LATÊNCIAS DO “TOTEM TERRITÓRIO QUILOMBO” EM TEMPOS DE PANDEMIA**

A representação desta condição deste “ser e estar quilombola” é permeada por intensos processos de reconhecimento intra e extracomunitário onde, neste jogo, a dádiva de se abrir para o mundo, de poder representar este “eu” é constituído por uma coletividade tradicional, onde se podem forjar individualidades, narrativas próprias deste “eu” em construção interagindo com o outro. Os tempos de isolamento social pela pandemia do covid-19 impôs igualdade, à comunidade quilombola restrições de visitas e reuniões nos espaços comunitários inclusive, os ensaios do grupo de dança e de percussão afro “OloduMatão” em largo período do último ano (2020), entretanto, o trabalho do projeto de letramento infanto-juvenil chamado de “Escrilendo”, adaptou meios de biossegurança e formas didáticas para continuar estimulando às crianças e adolescentes da comunidade na escrita e leitura, destacando, o letramento de obras étnicas e raciais, individualmente, ou em suas próprias casas, com a presença da monitora responsável.

O projeto “Escrilendo” apoiado inicialmente com recursos e suporte financeiro de ONG’s italianas, recebeu apoio Institucional do Ministério Público do Trabalho<sup>11</sup> (MPT – 2ª Vara de Campina Grande) que, em parceria com a Casa dos Sonhos, encaminhou durante todo ano de 2020 e primeiro semestre de 2021 recursos necessários para os materiais escolares e cestas básicas destinadas às famílias das crianças/jovens participantes do projeto de letramento e de dança/percussão afro (OloduMatão). No

---

<sup>11</sup> “Ministério Público do Trabalho apoia o Projeto Escrilendo. Publicação disponível em: <http://escrilendo.blogspot.com/2020/09/ministerio-publico-do-trabalho-apoia-o.html>. Acesso em 28 jul. 2021.

Escrelendo, as crianças e adolescentes da comunidade<sup>12</sup> se tornaram responsáveis por mediar saberes e formas de prevenção da covid-19 entre os membros da comunidade quilombola. As atividades vivenciadas com as crianças se encontram publicados e disponíveis no *Youtube*, material este, planejado pelas mediadoras e com a participação direta das crianças envolvidas.

Assim, graças à iniciativa do “Escrelendo” houve a adoção de uma estratégia de combate à desinformação, por meio de processo educativo contextualizado sobre a pandemia na comunidade quilombola.

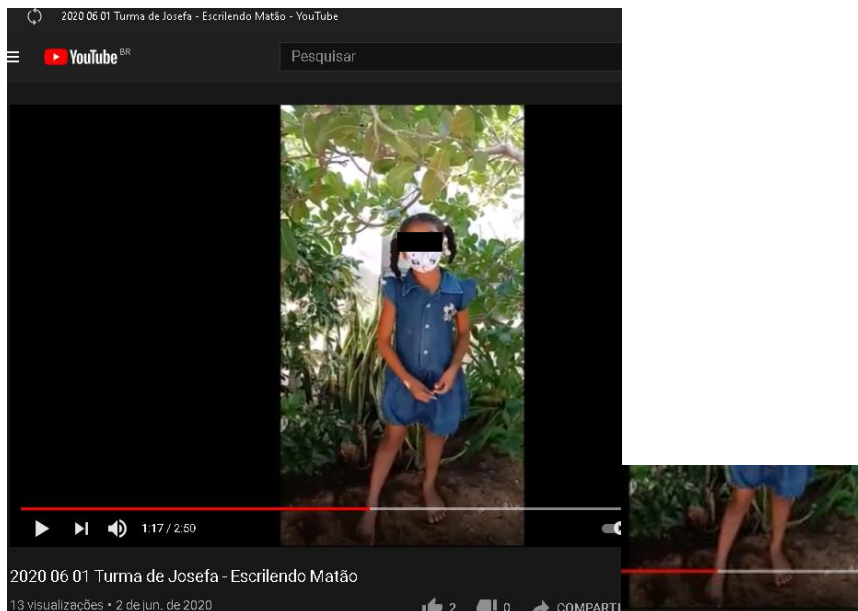
Importante dizermos restou evidente a latência do “totem território quilombo”, que se revela em um dos trabalhos das mediadoras do Projeto “Escrelendo” que, em um dos vídeos<sup>13</sup> publicados no *Youtube*, demonstra a conscientização, cuidando das crianças como vemos a que protagoniza seu aprendizado sobre a biossegurança com “uso correto das máscaras e a higienização com o álcool em gel” quando ali se apresenta realizando uma reverência ao “totem território quilombo”. A inferência dos “pés descalços” em contato com o solo físico do território, à sombra do verde que a envolve, realiza esta conexão do cuidado sanitário com o respeito ao espaço da ancestralidade, do simbólico e das afetividades compartilhadas entre seus membros, em perfeita harmonia com a natureza.

---

<sup>12</sup> Escrelendo quilombola e o trabalho de conscientização de crianças e jovens da comunidade do Matão. Disponível em: <https://escrelendo.blogspot.com/2020/06/2020-06-01-escrelendo-matao-cuidado-com.html>. Acesso em 01 abr. 21.

<sup>13</sup> Projeto Escrelendo quilombola do Matão. Disponível em: <https://youtu.be/Jn9Cl0e5gow>. Acesso em 01 abr. 21.

Figura 8 – Latências e conexões com o totem território quilombo (Escrilando)



Fonte: Youtube, 2020. Projeto “Escrilando” (01/06/2020).

A extração do vídeo publicado pela rede de compartilhamento de vídeos do *Youtube* releva aquilo que Beatriz Corsino Perez (2020) trata como:

as experiências de infância e juventude se constituem a partir das relações que crianças e jovens estabelecem com o território, seus usos e apropriações, e os modos de subjetivação diante dos conflitos vivenciados na comunidade. As crianças se apropriam do território através das brincadeiras coletivas realizadas ao ar livre, em que exploram os espaços, interagem com a terra, bichos, plantas e árvores. Para elas, estes elementos podem ser “enfeitados”, “assombrados” e guardar algo de “sagrado” (PEREZ, 2020, p. 1).

Este “sagrado” permeado por segredos ancestrais, experienciado por seus membros e seu energético encontra-se totalmente desconectado da ambiência digital, pois, observamos que “as relações que estabelecem entre si, numa perspectiva de valorização de seu modo de vida” (PEREZ, 2020, p. 11) fortalecendo o grupo que resiste contra os tempos de distopia social.

Ao avaliarmos as experiências vivenciadas pelos moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão, retomamos importantes considerações sobre o

poder e mistério deste “totem território quilombo” que atravessa as disjunções dos tempos, reorganiza as práticas sociais da comunidade e retoma importantes questões sobre a solidariedade orgânica tão presente nestas comunidades tradicionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos este artigo reapresentando este jovem negro quilombola do agreste paraibano. Nesta mesma comunidade, espaço mundo físico, continua a sinalizar para o meio digital um outro local, cujo espelhamento no território digital ocorre intitulado como “Sítio Matão”. Neste movimento de territorializações, observamos em suas representações projetadas na rede social a revelar o acionamento do totem território, com a finalidade de proteger e ocultar o “sagrado” representado pelos elementos simbólicos sócio-históricos presentes no território quilombola. Desde a infância, pés findados no chão.

O conceito de totem evocado e representado pelo território, conforme a pesquisadora Ana Paula da Rosa (2012), está vinculado a uma abordagem contemporânea das imagens ofertadas na circulação e tensionadas entre instituições midiáticas, não midiáticas e atores sociais. Isso é importantíssimo, porque o totem território pertence à crenças e formas primitivas de representação, nos quais os jovens pesquisados fizeram remissão, acionaram e tensionaram o fluxo do meio *Facebook* enquanto estratégia que emerge das vivências e das práticas de seus ancestrais.

Observamos neste cenário, uma ampla e forte disputa entre os campos de interações (dos territórios físico e digital) e das regulações do meio naquela comunidade pesquisada. No processo, observamos que as imagens produzidas pelos jovens quilombolas, mesmo sem a geolocalização na comunidade, foram devoradas pela hegemônica (da imagem-totem do território físico) que se estabelece em condição de imagem-vetora, representando o espaço do pertencimento, do aquilombar-se, local e origem de tudo.

O fenômeno da midiatização na comunidade quilombola encontrou no meio *Facebook* não apenas uma “zona de inscrição” dos jovens, mas ao “sair da comunidade” vimos este jovem adentrando uma zona conflituosa de lógicas e de camadas de sentido

que se afetam e se atravessam constantemente. Essa circulação forja um ambiente constante de criação e de trocas de sentidos entre os jovens quilombolas, imersos no totem território físico que aciona aspectos criativos, para burlar as condicionalidades do *Facebook*. O cenário descrito pelas referencialidades, consolida a presença deste “totem território quilombo” que se intercambia entre primeiro e segundos planos nas representações enunciadas no *Facebook*.

Dos possíveis desdobramentos da pesquisa, destacamos o totem mobilizado como uma forma de resistência ao processo histórico de extermínio simbólico e material destes jovens, observando que a ocorrência deste intenso trabalho criativo busca desconstruir uma espécie de “sombra” da lógica da máquina colonial (RESENDE, 2019) onde os jovens negros lutam contra seu próprio apagamento que, mesmo tentando se estabelecer nas redes, sua condição de “cidadania na ambiência digital” é atravessada pelo ser/sujeito “forasteiro, *outsider*”. A circulação midiática acelerada pelo GESAC é marcada por um intenso trabalho de negociação para o reconhecimento do *status* de cidadania destas crianças e jovens quilombolas, onde o meio *Facebook* atua na condição de micro comunidade de sentidos.

Nesta intensa rede de negociação, podemos afirmar que o “totem território quilombo” atua fortalecendo este espaço de acolhida permanente, sendo já aprendido pelas crianças, como a menina do Projeto Escrilando, e, sendo um saber transmitido e acolhido pelas crianças de hoje, como o foram no passado, seguirão de geração em geração. Percebemos, assim que, independente das condições externas, com ou sem a presença do “OloduMatão”/“Escrilando” ou da política pública de inclusão digital do GESAC, a comunidade quilombola do Matão continuará resistindo e seguindo adiante mediada pelo “mistério” energético deste “totem território quilombo” impossível de quebrar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARGAS, Janine; CAL, Danila. Luta por reconhecimento, identidades e relações de poder: as mulheres no movimento quilombola. **Revista Observatório**, v. 4, n 6, p. 475-505, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3cdrA9K>. Acesso em: 20 set. 2020.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **O campo como território de conflitos, de lutas sociais e movimentos populares**. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; JEZINE, Edineide



(Orgs.). Educação Popular e movimentos sociais. João Pessoa: Ed Universitária, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2OzLp1t>. Acesso em 15 mar. 2021.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel; SOUZA, Vanessa Emanuele. **História e Memória no Quilombo do Matão-PB**. In: XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH. Natal, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2OlcyW0>. Acesso em 03 abr. 2021.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon *et al.* **Matrizes interacionais: A comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

DIJICK, José van. You have one identity”: performing the self on *Facebook* and *LinkedIn*. **Media, Culture e Society**, Amsterdam, v. 35, n. 2, p. 199-215, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3ab9XoB>. Acesso em: 20 set. 2020.

FAUSTO NETO, A.; SGORLA, F. Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. **Lumina**, v. 7, n. 1, 13, p. 01-16, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3cd7c8C>. Acesso em: 20 set. 2020.

FENTON, Natalie. Contesting Global Capital, New Media, Solidarity, and the role of Social Imaginary. Bart Cammaerts and Nico Carpentier, eds. **Reclaiming the Media: Communication Rights and Democratic Media Roles**. Bristol: Intellect, University of London, p. 225-242, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2NIjGLz>. Acesso em: 20 set; 2020.

FERREIRA, Jairo. **A construção de casos sobre a midiaticização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens**. Galáxia (São Paulo), São Paulo, n. 33, p. 199-213, Dec. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3onFvMK>.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L. *et al.* (Org.). **Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013. p. 140-155.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e Ética da Comunicação na Midiaticização da Sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

HAESBAERT, Rogério Costa. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PEREZ, Beatriz Corsino. Entre cercas, brincadeiras e feitiços: os conflitos e apropriações do território por crianças e jovens quilombolas. **Revista Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 16, nov. 2020, pp. 01- 27. ISSN 1984-5987. Disponível em: <https://bit.ly/2PRpnYS>. Acesso em 10 abr. 2021.

RESENDE, Fernando; ROBALINHO, Roberto; AMARAL, Diego Granja. Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial. **Revista Comunicação**,

**mídia e consumo**, v. 16, n. 47, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/384vgI1>. Acesso em 23 fev. 2021.

ROSA, Ana Paula. **Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor**. In: Colóquio Semiótica das Mídias, 5., 2016, Japaratinga. Anais [...]. UFAL: Japaratinga, 2016. p. 01-14. Disponível em: <https://bit.ly/3t2qhOO>. Acesso em 20 set. 2020.

TEISSERENC, Maria José&Pierre. Mobilização, conflitos e reconhecimento do território: comunidades quilombolas na Ilha do Marajó, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 115|2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/6968>. Acesso em 07 abr. 2021.

TESSAROTTO, Marco Antônio de Oliveira. **Na Dinâmica do Facebook: experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão**. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3xde1Oq>. Acesso em 27 jul. 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro**. In: Juventude rural em perspectiva, organizadoras Maria José Carneiro, Elisa Guaraná de Castro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

**Recebido em 15 de abril de 2021**

**Aprovado em 02 de agosto de 2021**